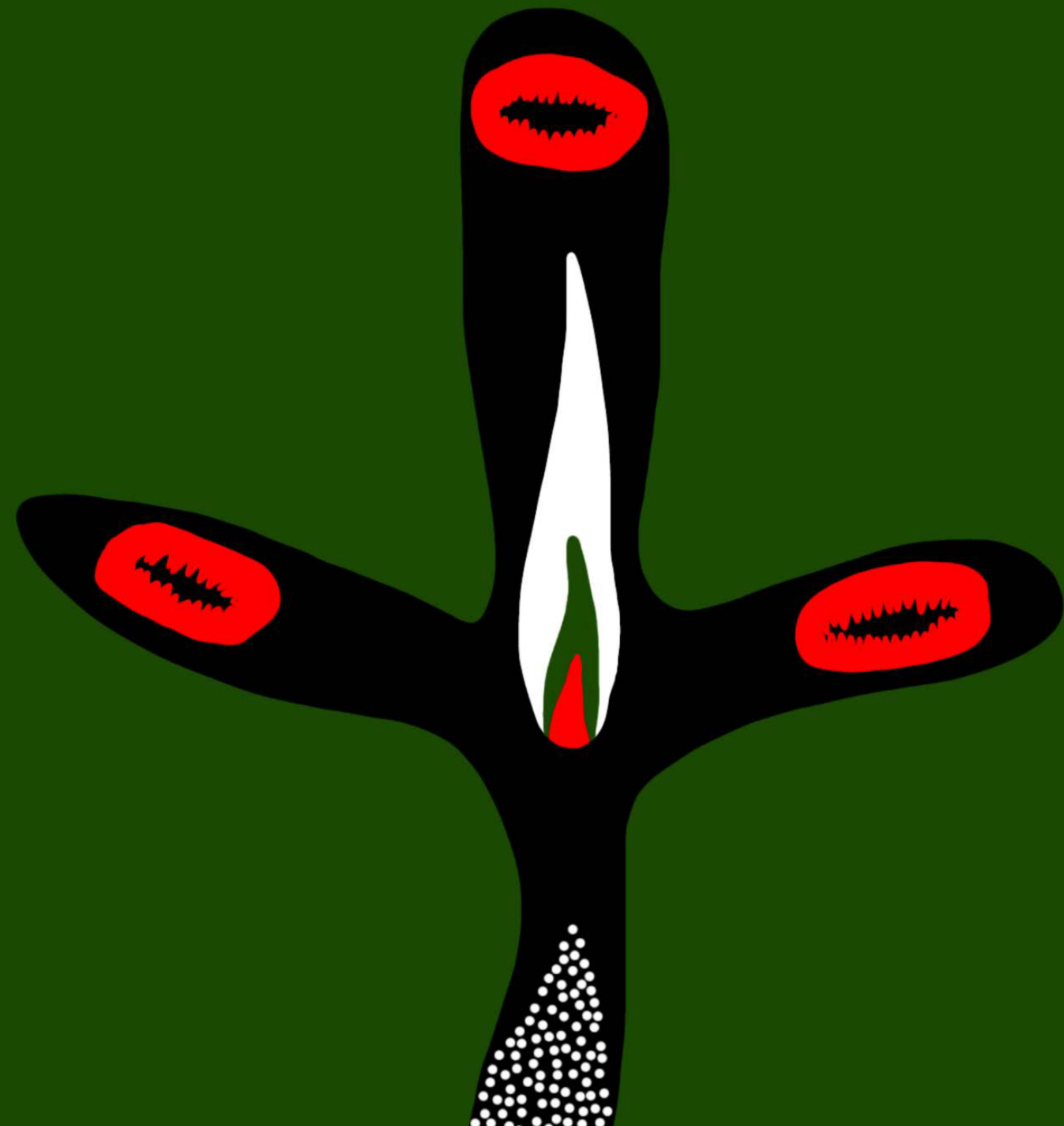


# ANTHROPOLOGICAS<sup>visual</sup>

“A Casa de  
Axé é viva”:  
desenhando o  
que o capital  
não consegue  
comer

*“The Casa de  
Axé is Alive”:  
sketching what  
capital cannot  
devour*

Ana Clara Damásio



## SINOPSE

Pouco antes da minha feitura, ouvi minha ialaxé dizer que “a casa de axé é viva”. Essa frase germinou em mim como uma semente. Desde então, venho tentando escutar o que ela quer dizer, com o corpo inteiro, como quem escuta tambor. Este ensaio fotoetnográfico nasce dessa escuta sensível, cultivada na experiência cotidiana de uma casa de axé, onde o Candomblé se enraíza e se reinventa a cada dia. Entendo a casa como organismo vivo, campo de forças, construção afetiva e ontológica. A etnografia aqui praticada não é apenas observação: é participação, é desenho, é canto, é gesto. Inspirada por autores como Marcelin (1999), Dumans (2021), Santos (2023), Alvarenga (2017) e Krenak (2022), proponho uma leitura da casa não como imóvel ou propriedade, mas como entidade viva, que respira, chama, repele, exige cuidado. A casa de axé tem corpo, desejo, ética e agência. Ela se faz em rede com ancestrais, com folhas, com lama, com silêncio, com festa. A festa, aliás, é aqui entendida como política radical de celebração da vida. Este ensaio visual desenhado é uma tentativa de traduzir aquilo que o capital não consegue comer: o encantamento, a vibração, o tempo outro. Ao desenhar etnograficamente essa casa, busco registrar o indizível, o sutil, aquilo que escapa à linguagem linear. Cada imagem-legenda propõe um caminho possível de tradução sensível da experiência. Não se trata de ilustração, mas de relação. Cada desenho é parte da casa. Tudo aqui é corpo e é mundo.

**Palavras-chaves** | Axé, etnografia, Candomblé, casa, memória, resistência.

## SINOPSIS

*Shortly before my initiation, I heard my ialaxé say: “the axé house is alive.” This sentence took root in me like a seed. Since then, I have been trying to listen to what it means, not just with my ears, but with my entire body, like one listens to the drum. This photo-ethnographic essay emerges from that sensitive listening, cultivated through the daily experience of an axé house, where Candomblé takes root and is reinvented every day. I understand the house as a living organism, a field of forces, an affective and ontological construction. The ethnography practiced here is not merely observation: it is participation, drawing, singing, gesture. Inspired by authors such as Marcelin (1999), Dumans (2021), Santos (2023), Alvarenga (2017) and Krenak (2022), I propose an understanding of the house not as a building or property, but as a living entity that breathes, calls, repels, and demands care. The axé house has a body, desire, ethics, and agency. It exists in a network with ancestors, with plants, with mud, with silence, with festivity. Indeed, festivity is understood here as a radical politics of celebrating life. This visual essay is an attempt to translate what capital cannot devour: enchantment, vibration, other time. By sketching this house ethnographically, I seek to record the unspeakable, the subtle, that which escapes linear language. Each image-caption offers a possible path for a sensitive translation of experience. This is not about illustration, but about relation. Each photo is part of the house. Everything here is body and world.*

**Keywords** | Axé, ethnography, Candomblé, house, memory, resistance.

ALVARENGA, Marcos. Cozinha também é lugar de magia: alimentação, aprendizado e a cozinha de um terreiro de Candomblé. 2017. 160 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) — Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

DUMANS, André. Interstícios, distâncias e formas provisórias de existência. Mana, v. 27, n. 2, p. 1-8, 2021.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, p. 38.

MARCELIN, Louis Herns. A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano. Mana, v. 5, n. 2, p. 31-60, 1999.

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

Autora |

Ana Clara Damásio

Instituição |

Universidade de Brasília (UnB)

Cargo | Doutoranda

e-mail: [anaclarasousadamasio@gmail.com](mailto:anaclarasousadamasio@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7426-7486>

#### Informações Técnicas da Obra |

Desenho e composição visual: Ana Clara Damásio

Aplicativo utilizado: ibisPaint X

Período de produção dos desenhos: janeiro de 2024 a maio de 2025

Edição e elaboração das legendas: Ana Clara Damásio

» Fundamento  
é o que não  
se vê, mas  
sustenta tudo.

ANTHROPOLÓGICAS  
VISUAL, 2025.  
Volume 11, Coleção 2 (n.2).

ISSN: 2525 – 3781

Recebido: 22 de outubro 2025  
Aprovado: 15 de dezembro 2025



Direitos autorais da Revista  
Anthropologicas Visual,  
2025. Licenciado sob licença  
Creative Commons Atribuição  
4.0 Internacional (CC BY 4.0).  
[Creative Commons Atribuição 4.0  
Internacional \(CC BY 4.0\).](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)